

## *Armeria rouyana* Dav.

**Taxon:** *Armeria rouyana* Dav.

**Família:** *Plumbaginaceae*

### **Protecção legal**

Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril – Anexos B-II, b) e B-IV, b) - espécie prioritária.

Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro – Anexo I.

Directiva 92/43/CEE – Anexos II, b) e IV, b) - espécie prioritária.

Convenção de Berna (Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e do Meio Natural da Europa, 1979) – Anexo I.

### **Estado de conservação**

Sub-populações das zonas de Muje-Salvaterra de Magos e de Moita-Coína-Palmela aparentam redução de polimorfismo e variabilidade nos "centros de abundância". A sub-população da zona da bacia inferior do Sado e costa de Tróia-Sines demonstra imprevisibilidade nos processos de extinção-recolonização local.

### **Outras categorias de conservação**

Vulnerável (Ramos Lopes & Carvalho, 1990).

Em Perigo de Extinção (Dray, 1985).

### **Estatuto de ameaça global**

Vulnerável (Walter & Gillet 1997).

### **Distribuição global**

Endemismo lusitano.

### **Distribuição EUR15**

Região Biogeográfica Mediterrânica: Portugal.

### **Distribuição em Portugal Continental**

Bacia inferior do Tejo, Sado e do sudoeste costeiro setentrional.

### **Biologia e Ecologia**

Planta vivaz de pequeno porte. Ocorre em substratos muito porosos e enxutos de paleodunas e menos frequentemente em solos arenosos derivados de arenitos argiláceos terciários.

Apresenta preferência por zonas abertas em matos baixos e esparsos (muitas vezes associados a pinhais), comportando-se frequentemente como pioneira e colonizando as clareiras resultantes da perturbação pontual dos mosaicos psamófilos abertos, normalmente com *Halimium commutatum*, *Stauracanthus* spp. ou *Ulex australis* dominantes.

Os pinhais adultos de copado mais fechado, com sub-bosque de mato alto e denso, conduzem à diminuição da abundância.

### **Abundância**

Espécie com perímetro de distribuição relativamente amplo e níveis geograficamente diferenciados. Possui vários "centros de abundância" a partir dos quais derivam zonas onde progressivamente os núcleos populacionais são menos frequentes ou têm pior preenchimento demográfico. Os núcleos populacionais aglomeram geralmente dezenas de indivíduos e distam entre si variavelmente.

Pode dividir-se em três sub-populações: Ribatejo médio na zona de Muje-Salvaterra de Magos, Moita-Coína-Palmela e da bacia inferior do Sado e costa de Tróia-Sines. As zonas da Moita-Coína-Palmela e da bacia inferior do Sado e costa de Tróia-Sines parecem manter conexões na região de Setúbal através de pequenos núcleos populacionais muito afastados entre si. O padrão de repartição dos núcleos nas

sub-populações da Moita-Coína-Palmela e da bacia inferior do Sado e costa de Tróia-Sines é consideravelmente diferente. Na bacia do Tejo os povoamentos dispersam-se significativamente rarefazendo-se a partir da zona central. Na zona da bacia inferior do Sado e costa de Tróia-Sines revelam-se dois comportamentos distintos: na margem sul do Estuário do Sado os núcleos são praticamente coalescentes comportando milhares de indivíduos, e para montante, ao longo do Sado e para sul, ao longo da costa de Tróia-Sines os núcleos são mais discretos, afastados e comportam até algumas dezenas de indivíduos. O extremo meridional da extensão de ocorrência é assegurado por um pequeníssimo núcleo populacional periférico a sul de Sines.

### **Ameaças**

Na zona de Muje-Salvaterra de Magos a área de habitat favorável é mais reduzida que nas restantes zonas face às alterações do uso do solo, concretamente pela expansão da agricultura intensiva, implicando a utilização de grandes áreas, regularizações topográficas e mesmo hidratação de terrenos anteriormente enxutos com habitat favorável, a jusante das áreas de exploração. Também aí, o pinhal, detém uma significativa componente não produtiva, o que conduz ao adensamento das matas, implicando um significativo atraso nos ciclos de perturbação, importantes para a evolução demográfica da espécie.

Na zona de Moita-Coína-Palmela a expansão urbana é a ameaça mais significativa.

Na zona da bacia inferior do Sado e na costa de Tróia-Sines, além dos impactes periféricos sobre o habitat secundário da espécie decorrentes da transformação da charneca em montados abertos, as ameaças mais significativas são o cultivo de eucalipto e a existência de extensos povoamentos de acácias. Sendo a resinagem a vocação principal dos pinhais de charneca, esta actividade conduz a formações de porte muito alto e grande capacidade de ensombramento, criando condições desfavoráveis à ocorrência da espécie, pelo que a utilização resinera de grandes superfícies de pinhal poderá ter a médio e longo prazo um impacte negativo.

Apesar da espécie beneficiar de um determinado nível de perturbação (e.g, corte de matos e mobilização superficial do solo) a intensificação da perturbação, nomeadamente em vastas extensões e com curta periodicidade revela-se prejudicial. Desmatações frequentes e em grande escala podem conduzir ao esgotamento do banco de sementes do solo.

Parece sensível às lavouras, sendo menos prejudicada pelos processos de incisão do solo que não determinam remobilização. A dispersão à escala regional parece ser eminentemente centrífuga, dependendo da existência de espaço disponível em todas as direcções, o que se relaciona com uma certa dificuldade exibida pela planta na propagação e exploração de corredores resolvíveis à escala sub-regional.

A alteração do uso do solo através da implantação de empreendimentos turísticos na área de ocupação da espécie .

### **Objectivos de conservação**

Manutenção da área de ocorrência da espécie e das populações marginais mais estáveis. Incremento dos efectivos populacionais nas zonas de Muje-Salvaterra de Magos e de Moita-Coína-Palmela.

### **Orientações de gestão**

- Integrar nos PDM das zonas de Muje-Salvaterra de Magos e de Moita-Coína-Palmela, soluções para a conservação da funcionalidade ecológica das zonas enxutas dos sistemas paleodunares.
- Incentivar práticas silvícolas sustentáveis.
- Manter ciclos de limpeza florestal de 3 a 5 anos, através do uso de corta-matos, e evitando intervenções entre Novembro e Julho.
- É vantajosa a permanência de aceiros e clareiras nos pinhais - estabelecer e manter zonas de menor densidade (ca. 10% de cada parcela);
- Efectuar desmatações selectivas.

- Condicionar mobilização do solo.
- Condicionar alteração do uso do solo para usos agrícolas intensivos.
- Controlar a expansão urbano-turística.
- Conter e reconverter o eucaliptal e o acacial na zona da bacia inferior do Sado e costa de Tróia-Sines;
- Combater a expansão de chorão (*Carpobrotus edulis*).
- Promover micro-sítios, aumentando a conectividade entre os centros de abundância.

### Bibliografia

- AFLOPS Associação de Produtores Florestais do distrito de Setúbal (2002). *Rede Natura 2000 na Península de Setúbal/Sado. Anexo 1.1 – Habitats e espécies prioritárias dos Sítios Regionais – Medidas de Gestão*. Relatório Técnico Final. Projecto LIFE NATUREZA B4-3200/98/400.
- Clemente AS, Chozas S, Repas M & Martins-Loução MA (2002). Efeito do tipo de floresta no padrão de distribuição de *Armeria rouyana* Daveau na Comporta/Galé e no Estuário do Sado. *Revista Biol. (Lisboa)* **20**: 169-177.
- Dray AM (1985). *Plantas a Proteger em Portugal Continental*. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Moreira F, Pinto MJ, Marques T & Henriques H (2004). *Importância dos Sistemas Agrícolas Extensivos e da Gestão Florestal para Espécies da Flora, Fauna e Habitats da "Directiva Habitats" e da "Directiva Aves"*. Relatório não publicado. Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas.
- Pinto MJG, Cotrim H & Draper DM (1995). *Distribuição Geográfica e Estatuto de Ameaça das Espécies da Flora a Proteger*. Relatório de Progresso. Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pinto MJG, Cotrim H & Draper DM (1996). *Distribuição Geográfica e Estatuto de Ameaça das Espécies da Flora a Proteger*. 5º Relatório de Progresso. Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pinto MJG, Cotrim H & Draper DM (1996). *Distribuição Geográfica e Estatuto de Ameaça das Espécies da Flora a Proteger*. 6º Relatório de Progresso. Museu, Laboratório e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ramos Lopes MH & Carvalho LS (1990). *Lista de Espécies Botânicas a Proteger em Portugal Continental*. Relatório interno. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Walter KS & Gillet HJ (eds.). (1997). *Red List of Threatened Plants*. IUCN.